

Relação professor-aluno: o *déjà-vu* freudiano

Gláucia Helena Motta Grohs [43]

Este artigo se propõe, resumidamente, a sustentar a tese freudiana de que a relação professor-aluno é uma relação de transferência. Não é um artigo de revisão, nem pretende apontar uma leitura específica do campo psicanalítico para compreender esta relação; mas, sim, a partir do texto *Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar* (1914), rever a interpretação freudiana sobre a questão, especificamente, a posição do professor nesta relação.

Um primeiro direcionamento no título deste artigo nos remete à noção de que sobre “a vida escolar” há uma leitura psicológica que se deixa ver. Talvez a contemporaneidade deste texto reflita a necessidade não explícita de referir, quase reforçando, que no viver escolar há sempre uma subjetividade que se apresenta em todo ato do aprender.

Freud sustenta que há uma relação direta entre a posição que um pai assume, com o lugar no qual o professor sustentará, na relação com seu aluno, o aprender. Essa posição está remetida, originalmente, à triangularização edípica, como um lugar simbólico. É o pai, o terceiro, que desfaz a ilusão primeira de uma completude

e suficiência entre mãe e bebê na montagem de um sujeito que se constitui na relação com o saber.

O autor inicia seu escrito narrando uma cena comum qualquer, quando somos tomados por uma imagem que nos faz lembrar algo. Freud nos sensibiliza com sua sensação de *déjà-vu*, recheada de afeto, ao remeter-se à lembrança da figura de um “velho” mestre, para afirmar sua tese (aqui simplificada) de que aprender é aprender com um outro e que este outro está num lugar especial para o sujeito.

Ao deparar-se, então, com a figura de um antigo professor, Freud salienta um (ou dois) aspectos fundamentais da lembrança como representações contidas na ordem da lógica inconsciente, sua premissa fundamental da representação mental. Ou melhor, do ato de lembrar-se: lembrar algo implica colocar em ordem de prioridades elementos que nos fizeram marcas e que ficaram retidos em um registro inconsciente; e toda lembrança está permeada por um parco engano que em si já traz a própria forma como lembramos algo – deformando-o de acordo com nossas próprias experiências.

Para sustentar o desdobramento da tese de que a relação professor aluno é uma relação transferencial, o autor depara-se com a seguinte constatação duvidosa (pois sempre se trata de um pensamento dialético em Freud):

Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que antes de tudo devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. (p.1893)

Neste sentido, salienta que há sempre uma carga de afeto que sustenta o laço professor-aluno e que temporalmente está deslocado e referido nas primeiras experiências trocadas com aquelas pessoas significativas que apresentaram o mundo para a criança. Isso é muito precoce na constituição psíquica de um sujeito. Neste laço, o lugar do professor é referendado pela posição que um pai ocupou como suporte simbólico para um possível ser no *socius*[44]. Nesta dinâmica, estabelece-se um laço de implicações, e os outros (professores, inclusive) surgem como “figuras substitutas desses primeiros objetos afetivos [...]”. (p.1893)

Colocado neste lugar especial, o outro-professor se “impõe” como autoridade. Autoridade daquele que dispõe um saber a ser trocado em forma de conhecimento.

A noção de uma “herança afetiva” (p.1893) que sempre transborda nas relações e que o autor afirma colocar-se na nossa vida interpessoal, ao salientar que “[...] todas as escolhas

posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos”, pode auxiliar o professor a compreender um elemento que está em jogo quando os alunos se envolvem, ou não, com os conteúdos por ele apresentado a serem aprendidos, ou não.

Assim, Freud salienta ao final de seu texto: “transferimos para **eles**[45] o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa”. (p.1894) E conclui, tomado pela ideia de que temos sentimentos ambivalentes pelo pai (consequentemente por aquele que “tomou” o seu lugar, o professor) que representou uma figura de autoridade ao assumir a posição especial, ideal e onisciente, quanto ao saber que queremos tomar para si, no movimento de nos tornarmos um sujeito - sujeito do conhecimento - “nosso comportamento para com os professores seria não apenas incompreensível, mas também indesculpável” (p.1894).

Se nós, professores, nos tornarmos conhecedores desta dinâmica subjacente às relações interpessoais – princípio colocado pela teoria psicanalítica - e a tomássemos como parâmetros para pensar nossas ações e práticas metodológicas no encontro com o sujeito aluno, não teríamos somente “sucesso” nas aprendizagens, mas, acima de tudo, alteridade na educação. Este parece ser o objetivo primeiro na construção de conhecimentos a serem

compartilhados numa dita sociedade democrática que tanto desejamos como suporte educacional para os nossos jovens. Para não falarmos da problemática contemporânea da violência dentro da escola, tema para outra discussão.

Referências

FREUD, S. (1914) Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar. *In: Obras Completas*, vol. II. Madri (Espanha): Editorial Biblioteca Nueva, 1981.